



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1162

22.06.2025 (136)

Hitler em guerra : O que é que *realmente* acon- teceu?

por A.V. Schaerffenberg

Parte 9

Capítulo 8: Vitória no Ocidente

Uma filosofia só conduzirá a sua ideia à vitória se reunir nas suas fileiras os elementos mais corajosos e enérgicos da sua época e do seu povo, e se os colocar nas formas sólidas de uma organização de combate."

Adolf Hitler, *Mein Kampf*, volume 2, capítulo V

As forças da Wehrmacht estavam a limpar as operações na Noruega quando a ofensiva ocidental de Hitler e von Manstein começou, a 10 de maio. Um avanço alemão através das Ardenas agradava particularmente a Hitler, porque não passava pelos Países Baixos. Contrariamente aos historiadores convencionais, Hitler não estava interessado em acumular bens imobiliários estrangeiros, mas queria con-

finar e terminar o conflito o mais rapidamente possível para evitar a sua propagação. Nas suas directivas de guerra emitidas a todos os comandantes da Wehrmacht na Frente Ocidental durante meses antes do início da campanha de 1940, o Fuehrer sublinhou repetidamente que não seriam permitidas quaisquer violações dos países neutros. Na sua primeira diretiva para a condução da guerra, afirmou que "as garantias de neutralidade dadas pela Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Suíça devem ser meticulosamente observadas". Na sua Segunda Diretiva, ordenou que "as entradas do Báltico serão minadas sem infringir as águas territoriais neutras" (38, 41). Mais tarde, sublinhou à Kriegsmarine: "A neutralidade de todos os Estados neutros deve ser plenamente respeitada" ("Top Secret, Officer Only, C.-in-C., Navy, Berlin, 4 August 1939"). Estas directivas eram ordens militares ultra-secretas tornadas públicas pela primeira vez muito depois do fim da guerra (em 1964).

Em nítido contraste com o escrupuloso respeito de Hitler pela soberania das nações neutras na periferia dos combates, os comandantes aliados planeavam ocupar a Bélgica com as Forças Expedicionárias Britânicas, lideradas pelo General Lord Gort, e o XVI Corpo Francês, chefiado pelo General Fagalde, pelo menos a partir de 24 de outubro de 1939. O chamado Plano Dyle deve o seu nome a um rio onde o exército de Gort planeava ligar-se às forças belgas em frente a Antuérpia. Esta "instrução pessoal e secreta" (Innes, 117) foi transmitida ao quartel-general supremo belga, onde os seus comandantes apoiaram sem reservas a violação da neutralidade do seu próprio país. Com um aceno do Rei Leopoldo III da Bélgica, o General Georges, em representação do Alto Comando francês, "converteu o Plano Dyle provisório numa ordem definitiva" a 14 de novembro (ibid). Quando Hitler soube da traição belga, ordenou imediatamente à sua Wehrmacht que preparasse a tomada dos Países Baixos antes que estes se pudessem juntar aos exércitos anglo-franceses. As autoridades democráticas destas pequenas nações esperavam tirar proveito de uma vitória dos Aliados; especificamente, o roubo fácil de novos territórios à custa do Norte da Alemanha para acomodar as suas populações em crescimento.

Com a tentativa de tomada da Noruega por parte da Inglaterra frustrada, a outra ameaça dos Aliados através dos Países Baixos tinha de ser eliminada de forma não menos completa. Assim, às 05h45 de 10 de maio - apenas duas horas antes de as forças britânicas e francesas avançarem para os Países Baixos - os aviões de guerra da Luftwaffe atacaram os aeródromos da Bélgica.

O maior obstáculo à ofensiva de Hitler era, de longe, o Eben Emael belga, a fortificação mais poderosa e tecnologicamente avançada da Terra. Universalmente considerada nos círculos militares como "inexpugnável", era não só a chave para as defesas de Liège, mas de toda a Campanha Ocidental. A sua própria existência

tinha convencido praticamente todos os generais - alemães e aliados - de que iria quebrar ou bloquear a mais dura ofensiva lançada contra ela. A posição de comando e subterrânea de Eben Emael era inatacável por forças terrestres incapazes de contornar o forte, e os seus bunkers eram absolutamente impermeáveis às maiores bombas aéreas, mesmo aos projecteis de artilharia pesada. Dominava completamente o ponto de articulação estratégico da ofensiva de Hitler, onde se cruzavam o rio Mosa e o canal Albert. As eclusas deste canal eram controladas por observadores na fortaleza. A própria existência da fortificação belga tinha sido invocada pelos estrategas do Estado-Maior alemão contra o plano de von Manstein. De facto, as forças convencionais nunca poderiam passar por Eben Emael.

Mais uma vez, o Fuehrer procurou um homem que tinha sido relegado para segundo plano pelos superiores do Alto Comando do Exército devido às suas ideias inovadoras. O General Kurt Student acreditava que as defesas extraordinárias podiam ser apanhadas de surpresa, com um mínimo de perdas de vidas, por soldados que aterrassem sem serem vistos em planadores. Hitler conferenciou com Student e elaboraram pormenores para um ataque de planadores de madrugada a Eben Emael. Este projeto de assalto era tão importante que o Fuehrer adiou toda a ofensiva ocidental até à tomada do forte, da qual, de facto, dependia toda a Campanha.

A 7.500 pés, os inimitáveis Ju 52, rebocando 39 DFS 230, soltaram as suas cargas de asas de madeira e voltaram para trás na fronteira alemã, permitindo que os planadores - cada um transportando oito pára-quedistas fortemente armados e especialistas em explosivos - aterrassem em pontes ao longo do rio Meuse e do canal Albert, incluindo Eben Emael, em total silêncio. A aterragem foi perfeita e passou completamente despercebida aos defensores. Embora apanhados de surpresa, ripostaram com grande ferocidade e habilidade. Mas quando recuperaram do choque de confrontar soldados alemães no próprio telhado do seu invencível forte, os pára-quedistas tinham destruído dois canhões de 120 mm e nove canhões de 75 mm; por outras palavras, toda a artilharia de topo do forte. Em 24 horas, o bastião supostamente "inexpugnável" de 700 soldados de elite tinha caído nas mãos de 70 tropas de planadores, que perderam seis mortos e vinte feridos. Através de uma imensa lacuna nas defesas aliadas, deixada pela queda desta fortaleza mais poderosa do mundo, a ofensiva da Wehrmacht inundou a Bélgica.

Entretanto, outras tropas de planadores capturaram rapidamente as pontes de Veldwezelt e Vroenhaven, sobre as quais as forças alemãs tomaram de assalto. Hitler, o General Student e os seus pára-quedistas conseguiram um milagre militar sem precedentes; a ação mais importante de toda a Campanha e uma das maiores e mais singulares vitórias nos anais da guerra. Nas palavras de *The Marshall Cavendish Illustrated Encyclopedia of World War Two* (p. 141, Vol. I), "Não foi tido em conta o talento imaginativo de Adolf Hitler, que se interessou pessoalmente pelo

planeamento da captura surpresa das pontes do Canal Albert, apesar do ceticismo da O.K.W."

Em apenas uma semana, os exércitos britânico e francês foram expulsos da Bélgica. Totalmente apanhados desprevenidos pela inesperada capitulação de Eben Emael, os exércitos aliados recuaram para se esconderem atrás de outra fortificação que consideravam invulnerável - a Linha Maginot. A mesma mentalidade da Primeira Guerra Mundial que dominava o Estado-Maior alemão fossilizou a estratégia francesa. Mas o Fuehrer olhou para além das suas convenções desactualizadas. De acordo com o plano que elaborou com von Manstein, a sua Luftwaffe varreu os céus dos aviões inimigos enquanto bombardeava as forças terrestres aliadas, que eram simultaneamente devastadas pelos Panzers, depois rebentadas pela artilharia móvel e polidas pela infantaria. O espírito de cooperação nacional-socialista tinha coordenado maravilhosamente todos estes vários elementos de batalha numa Blitzkrieg rápida, sempre em movimento e contínua, que mantinha o inimigo em desvantagem numérica fora de equilíbrio.

Sempre que os franceses ou os britânicos tentavam fazer frente, recebiam golpes certos, após o que os alemães aceleravam para o alvo seguinte, sem nunca dar tempo ao inimigo para respirar, quanto mais para reagir. A velocidade e a selvajaria destas tácticas depressa enervaram as forças aliadas. A 20 de maio, apenas dez dias após o início da ofensiva, as forças terrestres francesas e britânicas estavam divididas em duas. A maré tinha virado. Para seu crédito, quando a guerra começou a correr-lhes mal, tentaram corajosamente recuperar a iniciativa perdida, improvisando uma poderosa contraofensiva contra a 7ª Divisão Panzer, que tinha quase chegado ao fim dos seus abastecimentos ao avançar até Cambrai. Os comandantes aliados compreenderam a posição precária dos Panzers e, pensando rapidamente, lançaram dois novos batalhões de tanques britânicos e franceses cada um, ultrapassando seriamente os alemães, que tinham poucas munições, e ameaçando-os de aniquilação. Perto de Arras, os tanques Char B franceses surpreenderam os blindados alemães à queima-roupa, destruindo à queima-roupa os Panzer Mark IV, três dos únicos tanques pesados da Wehrmacht.

O ataque dos Aliados poderia ter sido bem sucedido se os 7 Panzers não fossem liderados por um homem que mais tarde faria a sua reputação no Norte de África - o General Erwin Rommel. Ele encenou uma retirada simulada. Quando os franceses os seguiram alegremente, de repente virou a sua armadura contra eles, ensanguentou-os e parou o seu avanço, depois dispersou os britânicos assustados, que presumiram que ele estava a evacuar Cambrai. Quando uma das suas colunas foi retida numa aldeia por vinte tanques pesados franceses, ordenou a um único Panzer IV que surpreendesse a retaguarda inimiga. A sua tripulação correu para o inimigo disparando furiosamente o seu canhão de 75 mm à queima-roupa, der-

rubando 14 dos grandes Char Bs em cerca de vinte minutos e forçando os restantes a renderem-se. Nem uma única vez durante toda a Campanha os Aliados tinham conseguido algo que se aproximasse de uma ação tão espetacular. Apesar de cada um dos seus Panzers ter enfrentado cinco inimigos, Rommel enfrentou os Aliados o tempo suficiente para a chegada dos bombardeiros de mergulho Stuka, que arrasaram todos os tanques franceses e ingleses no terreno.

No dia seguinte, 21 de maio, a ofensiva alemã deslocou-se para norte, em direção aos portos de Boulogne e Calais, no Canal da Mancha, para cortar toda a ajuda à Grã-Bretanha. Apercebendo-se da sua importância, os soldados da B.E.F. montaram uma defesa desesperada que durou cinco dias de intensos bombardeamentos e ataques aéreos. Com a queda destas cidades portuárias vitais, os Aliados montaram outra contraofensiva numericamente esmagadora, envolvendo as forças britânicas e o Primeiro Exército francês, que se dirigiam do norte, enquanto o Sétimo e o Décimo Exércitos franceses atacavam do sul; no meio estava a maior parte dos blindados alemães. Outros *Spitfires* e *Hurricanes* da R.A.F. voaram das suas bases inglesas para dar cobertura aos Dewoitines, Blochs e Morane-Saulniers franceses. Enquanto os Messerschmitts se debatiam com eles nos céus, os bombardeiros de mergulho Stuka interromperam o contra-ataque franco-britânico, que foi ainda mais pulverizado pela artilharia pesada e depois recebeu o *golpe de misericórdia* da infantaria. A retirada franco-britânica recomeçou; desta vez, uma fuga em direção a Paris.

Mas a causa dos Aliados ainda não estava perdida. Numerosos exércitos franceses continuavam intactos com todas as suas munições e abastecimentos, enquanto a força dos Panzer, após duas semanas de incessantes e duros combates, estava reduzida a 30%. O General Maxime Weygand, no comando de todas as forças aliadas, estava prestes a lançar um ataque total para a reconquista de Cambrai, onde não se podia esperar que as fracas defesas alemãs resistissem às oito divisões aliadas que se lhes opunham. No entanto, para que a operação fosse bem sucedida, era essencial a ajuda das forças terrestres britânicas, especialmente dos tanques, e, mais importante ainda, o apoio da RAF. O ataque de Weygand pressagiava o sucesso e, de facto, já estava em curso, quando, para seu espanto, os britânicos viraram a cauda e fugiram para Dunquerque. O general Lord Gort, responsável pela B.E.F., tinha recebido ordens pessoais do novo primeiro-ministro, Winston S. Churchill, para abandonar os seus aliados franceses e belgas no terreno sem os notificar. A ofensiva de Weygand fracassou e o destino da França foi selado. Churchill condenou ruidosamente o Rei Leopoldo como "um traidor", apesar de o monarca o ter notificado cinco dias antes da rendição da Bélgica; foram mais cinco dias de aviso do que os britânicos deram aos seus aliados continentais.

Em 5 de junho, as operações da Wehrmacht começaram contra as restantes for-

ças aliadas no sul. Logo no dia seguinte, as forças alemãs romperam o baixo Somme, alcançando o rio Aisne e, pouco depois, derrotaram os soldados determinados do Décimo Exército francês (a quem os alemães prestaram uma homenagem especial pela sua coragem desesperada após o armistício). A eles juntaram-se os soldados de infantaria da 51ª Divisão Highland britânica, que, separados dos seus camaradas que se dirigiam para Dunquerque, fugiram para St. Não tiveram a mesma sorte e renderam-se a 12 de junho. Dias antes destes acontecimentos calamitosos, os infelizes soldados de Lord Gort amontoavam-se nas praias de Dunquerque - 220.000 deles, juntamente com 120.000 franceses e belgas. Os Panzers correram para os penhascos com vista para os desmoralizados Aliados agachados na areia.

Os comandantes alemães estavam prestes a fazer-lhes um ultimato que não podiam recusar - render-se ou enfrentar a aniquilação - quando uma diretiva do Fuehrer ordenou às suas forças que suspendessem o fogo para que os Aliados pudessem evacuar. Todos os homens da Wehrmacht ficaram estupefactos de incredulidade. Como explicou ao líder das SS belgas, Leon DeGrelle, quatro anos mais tarde, Hitler deixou os britânicos partir em Dunquerque, porque nessa altura ainda alimentava esperanças na sua amizade e cooperação: "Ao forçar a sua rendição ou aniquilação, eles nunca teriam sido capazes de negociar". Ao deixá-los regressar a casa, as autoridades e o próprio povo britânico compreenderiam corretamente o seu gesto pelo que ele era: um movimento sincero em direção ao fim dos combates e ao início da reconciliação.

Em vez disso, Churchill e os seus propagandistas viraram do avesso a incrível oferta de Hitler, historicamente única pela sua generosidade. A sua tentativa de paz foi retratada como uma derrota provocada pela sua incapacidade de esmagar os soldados ingleses, mesmo no meio da sua retirada. Assim, o moral britânico no seu país endureceu, porque os alemães eram apresentados como frustrados e derrotados. O enganado povo britânico nunca foi autorizado a saber que os seus filhos, maridos, pais e irmãos tinham sido salvos, não por uma flotilha improvisada de iates que atravessaram o Canal da Mancha, mas pela recusa do Fuehrer em derramar mais sangue ariano numa guerra provocada por judeus.

O chamado "Milagre de Dunquerque" foi inteiramente obra de Adolf Hitler. Por muito nobre que o seu gesto possa ter sido, foi totalmente desperdiçado pelas autoridades de Londres. Os mais de meio milhão de soldados inimigos que ele poupou em 1940 não apreciaram o que ele tinha feito por eles, graças à sua hábil propaganda às mãos de Churchill, et al. Eles regressaram nos anos seguintes, não como os amigos que ele esperava fazer deles, mas como assassinos loucos por vingança. Mais valia tê-los abatido até ao último homem do que tentar enviá-los para casa como emissários da sua boa vontade, algo que eles eram incapazes de com-

preender.

Em todo o caso, tal aniquilação não teria sido necessária. Dada a oportunidade de se renderem honrosamente numa situação totalmente desesperada que enfrentaram nas praias de Dunquerque, Lord Gort e a sua B.E.F. teriam sido forçados a depor as armas, tal como os seus camaradas da 51ª Divisão das Terras Altas o fizeram numa situação semelhante em St. O principal historiador militar de Inglaterra, Sir Basil Liddell Hart, disse sobre Dunquerque que "nunca um grande desastre foi tão evitável" (Walsh, 42). Enquanto Churchill negou publicamente, transformando a ignominiosa retirada de Dunquerque num triunfo britânico, em privado descreveu-a como "um desastre militar colossal" (ibid, 43). O General Ironside, Chefe do Estado-Maior Imperial, confidenciou a Anthony Eden: "Este é o fim do Império Britânico" (ibid).

Menos de duas semanas depois de o último Tommy ter regressado a casa, as forças alemãs entraram em Paris. Tal como acontecera antes em Varsóvia, os políticos responsáveis pela declaração de guerra ao Reich fugiram, deixando o seu próprio povo à deriva na derrota. Philippe Petain, o venerável herói e general da Primeira Guerra Mundial, formou um novo governo, que aceitou um armistício a 25 de junho. Petain foi uma escolha sensata, porque o Fuehrer respeitava-o; por isso, os termos de rendição foram brandos, como demonstrado pelas generosas relações de Hitler com a frota francesa. Como até os autores hostis de um livro da Time-Life (*The Luftwaffe*, p.44) tiveram de admitir, "As duas campanhas - na Escandinávia e, um mês depois, nas planícies da Europa Ocidental - estavam entre as operações militares mais brilhantes dos tempos modernos". Se assim foi, o seu sucesso deveu-se esmagadoramente ao génio imaginativo de Adolf Hitler e ao Estado Nacional Socialista que ele criou. Nenhuma outra nação na história, superada em número e até mesmo, muitas vezes, em termos tecnológicos, poderia ter derrotado completamente adversários tão poderosos num espaço de tempo tão curto. Nunca antes tinha acontecido nada de comparável.

A campanha no Ocidente foi ganha pela ousadia e pelo talento do Fuehrer, expressos principalmente através dos seus homens das SS, cujos feitos decisivos em combate eram evitados pelos snobs aristocráticos do Estado-Maior alemão. No entanto, as tropas da *Leibstandarte Adolf Hitler* (Guarda-costas de Adolf Hitler) apoderaram-se dos estratégicos canais holandeses antes que estes pudessem ser rebentados, tornando assim possível a *Blitzkrieg*. Tomaram Roterdão em três dias e lideraram toda a ofensiva, avançando 120 milhas através do território francês em 24 horas. Depois de capturar o Somme num avanço relâmpago, o Regimento SS *Totenkopf* ("Cabeça da Morte") abriu caminho para Paris. Graças em grande parte à sua incomparável soldadesca, o jovem espírito da masculinidade ariana esmagou o velho mundo da democracia judaica nos campos de batalha da França. Os Ali-

ados - todos os seus homens de combate e trabalhadores fabris - tinham sido os patéticos enganados por agendas judaicas que nada tinham a ver com "salvar a Polónia", "defender os estados neutros", ou "parar a conquista mundial nazi em França". Estes eram os óbvios e transparentes shibboleths emocionalmente concebidos para consumo dos gentios.

Ainda retratado como uma "tragédia" pelos historiadores da corte e pelos propagandistas dos meios de comunicação social, o sucesso de Hitler foi, de facto, o triunfo da organização nacional-socialista e das capacidades superiores de combate sobre os lacaios enganados e os anões ideológicos dos Estados dominados pelos judeus, que pretendiam o suicídio racial. A Campanha Ocidental demonstrou que um bando de combatentes conscientes da raça e totalmente arianos pode derrotar um inimigo numericamente superior e racialmente misto, como os britânicos, franceses e holandeses, com as suas tropas coloniais de cor da Índia, Senegal e Indonésia.



NS KAMPFRUF
KAMPFSPARTY DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTY AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

September 1937 20. April 2017 (13)

Der Kampf geht weiter !

Seit lang Jahren nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

„Aberichte von Massenmord, Verfolgung, Vertreibung und Verdrängung haben nicht ausgereicht, das Blut der gerechten Täter gegen hoch gebildeten Führer Adolf Hitler zu waschen.“

Alle Nationalsozialisten sind weiterhin außerhalb Völkern- und Rassenfragen stehen. Solcher ist der Kampf um die Erhaltung unserer völkischen Völkern.

Der Bewegung ist nur einer gewachsen, aber die Gefahr des biologischen Völkern ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unersättliche Gegner ist aber nicht, das Volkstum – gegen alle völkischen Völkern (Völkern) – zu kämpfen, Sondern Mord und Ermordung, Entführung und Rassenmischung.

Oh „legal“ oder „illegal“, ob im Verborgenen oder im „Brennpunkt“, ob mit Propagandaarbeit bewirkt oder auf einem biologischen anderen sei, jeder Nationalsozialist ist seine Pflicht!

Und Hitler!
Gottwald Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Noticias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.04.2022 (133)
NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mourningthetruth.com/ truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER
Number 17 (133) Founder 1938 April 26, 2017 (133)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the former National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware entrepreneurs and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are not White immigration, culture erosion, and race-mixing.

Whether "legal" or "illegal", whether in obvious halls of court halls, whether armed with propaganda material or in a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

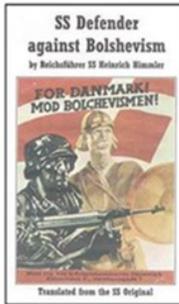
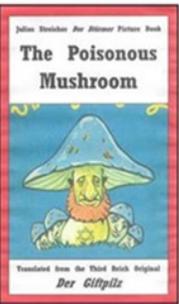
Und Hitler!
Gottwald Lank

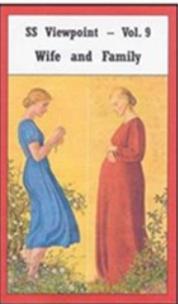
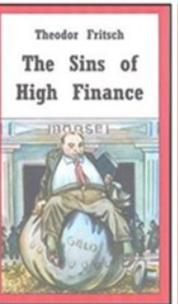


TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas


BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!